

Realidade Desconcertada

Realidade Desconcertante ¹

Luiz Meyer²

O instrumento de trabalho do analista é sua mente. Para tanto ele a educa e desenvolve de forma variada sendo a análise pessoal um dos elementos fundantes para atingir tal objetivo. Como ele lida com outras mentes, cuja composição, estrutura e conteúdo são semelhantes à sua, ele precisa a um só tempo deixar-se atingir por elas e não se confundir com elas. Do mesmo modo que seu paciente o analista tem relações amorosas, pai, mãe, irmão, desafetos públicos, afetos clandestinos, que compõe seu modo de pensar e sentir e dos quais o paciente deve ser poupado; mas o conhecimento, contenção e significado desse seu modo de sentir devem ajuda-lo a entender o funcionamento psíquico de seu paciente. Todos estes truísmos referem-se a um elemento central da prática analítica que é a manutenção da assimetria entre paciente e analista, de certo modo já graficamente presente na clássica situação em que um se encontra deitado dando as costas para o outro que o observe sem ser visto. Evidentemente esta assimetria -que também é uma hierarquia – não se refere ao valor dos participantes mas à sua função. Qualquer que seja a teoria e a prática do analista é importante que a diferença se mantenha para que a análise prossiga, isto é, para que ela não se torne nem um engolfamento de parte a parte e nem uma fusão identitária tendendo à beatitude. É a assimetria, isto é, o reconhecimento da transferência que permite a manutenção da postura analítica.

Um paciente inicia a sessão dizendo ao analista: “[cheguei] em casa [e disse]: para meu filho, vai buscar um pedaço de banana para seu pai acender o charuto. Naturalmente o filho pensará: papai está maluco...”. Sim, é compreensível que o menino pense desta maneira e faça ilações variadas (andou bebendo? Esta estudando para ser camelô?). Já a escuta

¹ Este trabalho foi apresentado na mesa “Realidade desconcertada” com Maria Lucia Castilho Romera no I Simpósio Bienal “O mesmo, o outro: Psicanálise em movimento” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

² Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e professor do Instituto Durval Marcondes.

analítica, se disporá a outras indagações: 1) porque ele começou a sessão, desta maneira?; 2) com quem ele está falando?; 3) Quem é o filho que ele está mencionando?; 4) ele está dando a esse filho uma ordem ou está fazendo um pedido?; 5) porque alude a dois objetos tão evidentemente fálicos – banana e charuto- para se complementarem?; 6) quer me distrair, fazer troça, mostrar seu conhecimento sobre a poética de Manoel Bandeira?.

O analista mantém uma postura indagativa, de modo a não se fixar no lugar em que o paciente quer coloca-lo. Ele dá um passo atrás face à paisagem que o comove na medida em que a contempla mas este movimento de recuo não o retira daquela geografia; antes o insere nela mais firmemente na medida que sua perspectiva se alarga.

Melanie Klein e Freud, eram figuras de seu tempo, identificados com as praticas e costumes então vigentes, (curiosamente ambos analisaram seus filhos) mas ambos deram esse passo atrás que lhes possibilitou participarem do universo social de que faziam parte e ao mesmo tempo observa-lo segundo uma nova perspectiva propiciada pelo ângulo criado pelo recuo.

Chegamos assim ao tema desta apresentação. A análise pessoal nos ajuda a manter a assimetria entre as duas mentes que se presentificam na pratica analitica, colocando-as em perspectiva. Mas, por outro lado paciente e analista são configurados pelo mesmo universo social; nele estão igualmente imersos e dele, de certo modo, são igualmente expressivos. O mundo (cultural, econômico, familiar, político) do paciente é o mesmo do analista. Esta simetria na imersão e participação no mundo social tem atraído minha atenção e curiosidade. Tratei deste tema em artigo anterior chamado: “Trompe l’oeil: a imobilização do imaginário”. Ali eu abordei esta imersão usando como ponto de ancoragem a onnipresença da imagem e sua função indutora do comportamento cotidiano. Vou reproduzir agora parte do que escrevi visando ilustrar minha percepção deste processo de naturalização. Em seguida vou abordar outra forma de imersão conjunta: a participação na rede.

Nos idos de 1995, fui passar a virada de ano no Rio de Janeiro. Fiquei alojado num apartamento pequeno e simpático, localizado num prédio modesto e antigo, de apenas três

andares, incrustado numa viela escondida de Ipanema. Ao lado, ficava um imenso rochedo, em cujo topo podiam ser vistas, algo escondidas pela vegetação, as ruínas do que deveria ter sido um hotel turístico, jamais concluído. Escavados na pedra, inúmeros degraus formavam uma escada irregular que, ziguezagueando pela encosta, compunha caminhos cujos destinos se confundiam com a massa do relevo. As ruas laterais eram amenas, sombreadas por árvores frondosas e pelos “chapéus-de-sol”, com suas folhas largas, flores amarelas gritantes, e bordejadas por edifícios despretensiosos, de classe média, e por sobrados ainda intocados, protegidos por muros baixos de pedra, cujas fachadas em arco abrigavam terraços abertos onde brilhava o piso vermelho de lajota encerada. Na calçada, o movimento era pouco: um rumor difuso e distante e os gritos entusiasmados com que as pessoas habitualmente se cumprimentavam – expressões de jovialidade local – não assustavam nem perturbavam o sono.

O apartamento, situado entre a praia e a Lagoa, distava pouco daqueles lugares onde fervia a vida social. Com efeito, bastava caminhar três ou quatro quadras para que a paisagem se transformasse. Eu caía então no burburinho dos bares, com suas mesas nas varandas e nas calçadas repletas de gente conversando, discutindo, enquanto bebiam o chopp tradicional, sempre bem gelado e bem tirado. Restaurantes, farmácias, padarias, boutiques, lojas de bugigangas, chaveiros de emergência, livrarias, refúgios vegetarianos – a vitalidade da região imantava o ar, criando uma atmosfera calorosa e cativante, voltada para uma fruição contida. Tudo era muito moreno, jovial, ondulante, colorido, sorridente, musical – o mítico charme carioca se abrindo aos olhos do visitante. Fazendo como todos, também eu sentava, pedia meu copo, beliscava uns petiscos, puxava alguma conversa com o vizinho de mesa e me espreguiçava, olhando a curva das mulheres impossíveis e a agilidade das crianças equilibrando enormes garrafas de refrigerante sobre sacos de papel cheios de pãezinhos franceses.

Ao cabo de algum tempo – aproximava-se o réveillon-, uma certa intranquilidade começou a alterar essa rotina prazerosa. Incipiente de início, mero desassossego, agitação interna, foi se transformando, com o passar dos dias, em apreensão, adensando-se em angústia, para finalmente ganhar forma de um intenso sentimento de inquietante estranheza. Se minha rotina permanecia a mesma, algo parecia mudado no mundo que vinha

contemplando. As pessoas, é verdade, continuavam a conversar, a comer, a beber, mas com uma espontaneidade decrescente: pareciam obedecer agora a alguma imposição que organizava e comandava os seus movimentos. Falavam umas com as outras, articulavam sons inteligíveis, mas as palavras – como direi? – saíam apenas da boca. E o que diziam parecia ser somente a reprodução do diálogo que haviam trocado na véspera, na antevéspera... Os gestos tornaram-se afetados; os sorrisos, mecânicos; o caminhar, estudado.

Também a paisagem e o entorno se transformaram, banhados por uma luz metálica que se derramava sobre os carros estacionados ao meio-fio, se estendia aos objetos dispostos na vitrina e lhes conferia um brilho artificial e excessivo.

As árvores adquiriram nova disciplina, enfileiradas umas após as outras, recortando-se nitidamente contra o céu numa rígida perspectiva. As trilhas, que antes se perdiam sobre a superfície da rocha contígua ao meu apartamento, agora sobressaiam destacadas, acessíveis, sem mistérios. O próprio apartamento, que até então primara pela discrição, e cuja simplicidade era a razão mesma de seu encanto perdera essa reserva: móveis e objetos agora se associavam criando uma decoração ostensiva, ligada ao gosto pretensioso de algum decorador da moda.

A compreensão do que estava sucedendo veio, acredito, instigada pela aflição e permeada pelo cansaço, no momento em que descobri ter adquirido a capacidade de antecipar cada acontecimento: o mundo perdera sua substância e fora transformado em mera representação. Ipanema era apenas um gigantesco cenário de telenovela onde os espectadores do capítulo da véspera perpetuavam o enredo segurando o copo, chamando o garçom, abrindo a porta, usando palavras e seguindo entonações exatamente como na TV se fizera e se fazia, atores-personagens-de-si-mesmos, num espelhamento infinito. O Rio de Janeiro natural deixara de existir: sua essência era agora formada pelas imagens continuamente geradas nas telenovelas; real era o Rio de Janeiro da ficção televisiva. O que me era possível fruir era tão-somente a representação que a TV fazia do Rio de Janeiro, com uma ressalva, é claro: meu prazer também deveria corresponder ao modelo de prazer moldado na telenovela, vivido pela representação de turista-telespectador que

me tornara. A cidade não se alimentava mais de sua própria história: o que a fazia possível e reais eram os anúncios de cerveja que criavam sua paisagem.

Ao chegar em casa e ligar desatentamente a TV, me dei conta de que a mão que segurava o controle remoto agia como a personagem do próximo capítulo.

A descrição longa e detalhada desta minha experiência é proposital: ela visa enfatizar o quanto valor de face do cotidiano, é utilizado para ocultar sua essência de espetáculo pré fabricado facultando ao sujeito – e o sujeito aqui é a dupla analítica – o sentimento de ilusão participativa. O trabalho de dupla pode tornar-se uma mera forma de avaliar o meio que a precede, determina, envolve e no qual está imersa. Quando esta configuração ocorre ela impede o surgimento do espaço no qual possa ocorrer aquele passo atrás ao qual nos referimos anteriormente.

O que escrevi até aqui se refere evidentemente a ameaça omnipresente de entronização da imagem que pode ocorrer no trabalho e pelo trabalho da dupla analítica.

Mas há outra. O mundo contemporâneo, através de seu vertiginoso avanço tecnológico alargou este potencial alienante através do que chamarei, de hiperconectividade, exacerbação superlativa do substantivo conectividade, entendido como uma atividade globalizada que se tornou central em nossa sociedade organizada em rede.

A rede, como sabemos, possibilitou uma reorganização, uma implantação na verdade, das noções de espaço e tempo: ciberespaço. A ela devemos a emergência de novas formas históricas de interação social, controle social e mudança social. É um sistema aberto e em construção permanente que abrange conjuntos que se identificam com as mesmas necessidades e problemáticas e que se organizam para potencializar seus recursos.

A conectividade sustentada por esta rede é uma forma de comunicação que opera visando obter do receptor uma ressonância elaborativa. Esta ao ser devolvida ao emissor e por ele retrabalhada vai se expandir e se complexificar. Surge desta dinâmica tanto uma espiral virtuosa quanto viciosa que se utiliza dos mais variados patamares da rede – do e-commerce aos pedidos coletivos de ajuda.

Se a conectividade foi até aqui descrita por mim como uma forma de comunicação, eu concebo, por outro lado, a hiperconectividade como um estado de mente caracterizado por duas facetas complementares: de um lado há a necessidade de estar sempre em contato e informado sobre o material produzido pela rede e para a rede. E de outro há a necessidade premente de produzir sem cessar, material para ser contactado para a rede e pela rede. Vista de fora, a hiperconectividade é um comportamento intenso e contínuo destinado à ampliação da sociabilidade; vista do seu interior, enquanto estado mental, ela é a um só tempo produtora e produto de uma relação de objeto voltada para obter e legitimar a exposição, fomenta-la e valoriza-la. Ela se empenha em tornar esta exposição um valor coletivo e partilhado. Para o sujeito que a produz e à qual esta aderida a hiperconectividade torna-se um componente central de sua identidade: ele se torna sujeito de rede. O sistema se organiza de modo a que todos - e porque não incluir neste todos a prática analítica- que o alimentam convirjam para uma ação solidária, mantendo-se continuamente relacionados segundo este viés (a necessidade de (se) expor). Dito de outro modo: qualquer opacidade é banida de modo a transformar os sujeitos em emissores e receptores, solicitadores e solicitados, de conteúdos cuja única relevância é o potencial expositivo: a demonstração.

É preciso deixar claro que não encaro a hiperconectividade como uma patologia, tal como, por exemplo, o transtorno de adição à internet. Não a vejo como uma defesa contra a desintegração como o são as adições em geral. O que eu estou descrevendo é a existência de um estado mental que concebe o mundo através da rede, que se realiza através dela; estou descrevendo uma identidade cuja sustentação é dada pelo sentimento de operar a rede e de integrá-la.

Vivemos em um momento particular da história caracterizado pela fragmentação e dominado por narrativas mediadas pela imagem. Neste mundo em que a economia industrial transita para a informacional, em que cada dimensão da experiência humana torna-se parte do mundo permanentemente em rede, temos que nos debruçar sobre o impacto destas mudanças na identidade e no mundo interno das pessoas incluindo os analistas, é claro. A internet e os derivativos da sociedade informacional, como as redes

sociais, tornaram-se plataformas para todos os tipos de atividade conectando todas as dimensões da vida das pessoas. Vivemos analistas e pacientes uma cultura (e numa cultura) do comportamento induzido. Se, por um lado, a hiperconectividade acaba por erodir a vida privada, por outro a conectividade opera como ferramenta protetora dos direitos da sociabilidade planejada e escolhida pelo sujeito. Mas nem sempre é possível estabelecer uma distinção entre ações e resultados de cada uma dessas esferas, que podem muito bem relacionar-se em continuum, formar um gradiente, operar em contiguidade ou de forma dialética. Precisamos de novas teorias que deem conta da subjetividade nascente sob a égide destas mudanças.

É preciso então tomar cuidado para não diabolizar ou adotar uma atitude moralista diante das transformações que ocorrem neste nosso mundo cambiante.

E tal como na cena analítica, aquela onde precisa imperar a assimetria cabe reconhecer a presença deste mundo, mas, habita-lo em estranhamento, isto é, sem nele se entranhar, e sem o rejeitar.

Referências

Bojórques. José Amador González (2012) Redes sociales: una vision psicoanalitica. In Asociacion Psicoanalitica de Buenos Aires. La clinica psicoanalitica como observatório de la época- Buenos Aires: APdeBa, p.101-106 (Apresentado em: Simposio Anual, 34, Buenos Aires).

Baudrillard. Jean (1978) The ecstasy of communication.- MIT Press

Castells. Manuel (1996a) The rise of the network society- Blackwell Publishers- Cambridge, Massachusetts, USA.

Castells. Manuel (1996b) O poder da identidade – Paz e Terra – São Paulo - SP

Castells. Manuel (2013) A transformação do mundo na sociedade em rede. In redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet – Zahar – Rio de Janeiro – RJ

Curtis, Anne E (2007) The claustrum: sequestration of Cyberspace. *Psychoanal Rev*, V.94 , N.1, p.99-139.

Darchis. Elisabeth (2003) Aux sources de l'intimité – Le divan familial. N. 11, pag.809-101.

Dini, Kourash (2009) Internet interaction: the effect on patient's lives and analytic process. *J.Am. Psychoanal. Ass*, V.57, N.4, p.979-988.

Lemma. Alessandra (2015) Psychoanalysis in times of technoculture: some reflections on the fate of the body in virtual space. Key paper for the IPA Congress – Boston

Martinez Moreno. Sylvia (2012) Facebook, el escenario especular para el reestreo inmediato de un montaje biográfico – In *Asociacion Psicoanalitica de Buenos Aires. La clinica psicoanalitica como observatório de la época* – Buenos Aires: ApdeBA – p. 176-183

Piccinini, Walmor J (2007) Adição à internet – *Pulsional: Revista de Psicanalise*, v.20, n. 190 – p 106-107

Sibilia. Paula (2006) Blogs, fotologs, videologs y webcams: intimidades y confisiones en la Web. *Revista de La Sociedade Argentina de Psicoanálisis* – V. 9 – pag. 207.